

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURAS — Em Aveiro: 50 números, 15000 réis; 25 números, 5000 réis. Fora de Aveiro: 50 números, 15125 réis; 25 números, 5700 réis. Brazil (moeda forte) e Africa Oriental, 50 números, 25000 réis. — Pagamento adiantado.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES — Anuncios, cada linha, 15 réis; no corpo do jornal, cada linha, 20 réis; numero avulso, 20 réis, ou 100 réis no Brazil. Anuncios permanentes, preços convencionaes. — Redacção e administração, rua da Alfandega, n.º 7.

Aveiro

OS QUADRILHEIROS

Ex.º Sr. Dr. Juiz presidente do tribunal commercial da comarca de Aveiro.

Manuel Homem de Carvalho Christo, casado, mestre d'obras, d'esta cidade, precisando para fins convenientes de uma certidão de todos os protestos de letras feitos e registados n'esta comarca contra Manuel Firmino d'Almeida Maia, casado, proprietario, d'Aveiro, com menção das respectivas quantias, respostas do mesmo Manuel Firmino, as datas em que esses protestos foram feitos, e o nome dos apresentantes

P. a V. Ex.ª se digno ordenar que, pelo cartorio do escritorio privativo do tribunal commercial d'esta comarca, lhe seja passada a alludida certidão dentro do prazo e termos legais.

Passe.

Aveiro, 22 de outubro de 1888.

(a) A. Cor-tezão.

E. R. M.

Manuel Homem de C. Christo.

Certidão

Antonio Augusto Duarte Silva, escrivão do terceiro officio no juizo de direito da comarca de Aveiro, tabellião publico de notas, escrivão privativo do tribunal do commercio de primeira instancia na mesma cidade e comarca, etc., por Sua Magestade Fidelissima El-Rei:

Certifico que em meu poder e cartorio se acham archivados vinte e seis livros de registro de protestos de letra, e n'elles se acham registados os seguintes protestos feitos contra Manuel Firmino d'Almeida Maia, casado, proprietario, d'esta cidade de Aveiro:

Protesto d'uma letra d'um conto oitocentos e setenta mil réis, assignada por Manuel Firmino e mulher, feito em vinte e sete de maio de mil oitocentos e sessenta e oito. A resposta dada por aquelle foi a seguinte: «**Que a falta de entregas de dinheiro que tinham a cobrar, motivavam a falta do pagamento da letra.**» Foi apresentante d'esta letra João Tavares Avelino, d'Aveiro.

Protesto d'uma letra d'um conto novecentos oitenta e cinco mil quatrocentos e noventa réis assignada por Manuel Firmino e mulher Dona Maria d'Arrabida de Vilhena d'Almeida Maia, feito em vinte e quatro de julho de mil oitocentos e sessenta e nove a requerimento de Antonio Pereira da Cruz, d'Aveiro. «**Que não pagavam por não ter fundos.**» Protesto d'uma letra de cento vinte e sete mil trescentos vinte e

cinco réis assignada por Manuel Firmino, feito em trinta de setembro de mil oitocentos e setenta e oito a requerimento de Antonio Pereira Junior, d'Aveiro, por parte da thesouraria da Imprensa Nacional. A resposta d'aquelle Firmino foi a seguinte: «**Que não pagava porque lhe tinham faltado dinheiros com que contava.**»

Protesto d'outra letra de cento vinte e sete mil trescentos vinte e cinco réis assignada por Manuel Firmino, e feito a requerimento de Antonio Pereira Junior, d'Aveiro, por parte de Moura Borges & Companhia, a quem o thesoureiro da Imprensa Nacional endossou a mesma letra. Esse protesto tem a data de vinte e nove de março de mil oitocentos e setenta e nove, e a resposta de Manuel Firmino foi esta: «**Que não pagava n'aquella data a letra, porque circunstancias que a boa ventade não vence o impediam totalmente de o fazer.**»

Protesto d'uma letra de cento trinta e cinco mil réis, não assignada por Manuel Firmino, que declarou «**que a não aceitava, porque a não aceitava**» sem dar outra razão. Esse protesto tem a data de dezete de julho de mil oitocentos e setenta e nove a requerimento de Norberto Ferreira Vidal.

Protesto d'uma letra de cento trinta e cinco mil réis, datado de dezete de julho de mil oitocentos e nove, a requerimento de Norberto Ferreira Vidal. A resposta do saccado Manuel Firmino foi «**que não pagava a importância da letra por não estar habilitado a fazê-lo; no entanto não se conformava com o modo de expedir uma divida d'estas, e so o achava regular entre commerciantes, que elle não era.**»

Protesto d'uma letra de sessenta e sete mil e sete centos réis, aceite por Manuel Firmino, datado de trinta de setembro de mil oitocentos e oitenta, feito a requerimento de Antonio Pereira Junior, d'Aveiro. A resposta do accitante foi a seguinte: «**que não podia effectuar n'aquella data o pagamento da letra.**»

Protesto d'outra letra de dois contos de réis assignada por Manuel Firmino, feito em um d'outubro de mil oitocentos e oitenta a requerimento da direcção da Caixa Economica d'Aveiro. «**Que a não pagava por falta de fundos.**»

Protesto d'uma letra de quatrocentos mil réis assignada pelo referido Manuel Firmino, feito em trinta de outubro de mil oitocentos e oitenta a requerimento da direcção da Caixa Economica de Aveiro. Não deu resposta.

Protesto d'uma letra d'um conto e seiscentos mil réis assignada por Manuel Firmino, feito em trinta de outubro de mil oitocentos e oitenta a requerimento da direcção da Caixa Economica de Aveiro. Aquelle devedor não deu resposta.

Protesto d'outra letra da quantia de seiscentos mil réis assignada pelo referido Manuel Firmino, protesto que foi feito em trinta de junho de mil oitocentos oiten-

ta e um a requerimento de Agostinho Pinheiro & Companhia, d'esta cidade. A resposta dada por aquelle individuo foi a seguinte: «**Que não pagava a letra em Aveiro por já ter ordenado o seu pagamento em Lisboa.**»

Protesto d'uma letra da importancia de cento trinta e dois mil e duzentos réis, feito em cinco de setembro de mil oitocentos e oitenta e um a requerimento de Antonio Pereira Junior, d'esta cidade. A resposta do saccado Manuel Firmino foi «**que não lhe tendo sido apresentada a letra, e tendo-a o apresentante levado a protesto antes de cumprir essa formalidade, faltando assim a um dever essencial n'estes casos, por isso dera ordem para a letra ser paga em Lisboa, razão porque não aceitava o saque em Aveiro.**»

Protesto d'esta ultima letra por falta de pagamento, feito em vinte de setembro de mil oitocentos e oitenta e um a requerimento d'este ultimo apresentante. A resposta foi a seguinte: «**Que não pagava a letra em Aveiro por já ter ordenado que ella fosse satisfeita em Lisboa.**»

Protesto d'uma letra da quantia de trinta mil réis, feito a requerimento de Antonio Pereira Junior, d'esta cidade, em dez de fevereiro de mil oitocentos e oitenta e dois. A resposta do saccado Manuel Firmino foi «**que não aceitava o saque por isso que já dera ordem para que a sua importancia fosse paga no Porto.**»

Protesto da mesma letra por falta de pagamento, feito em dezote de fevereiro de mil oitocentos e oitenta e dois. A resposta foi a seguinte: «**que a não pagava por a ter mandado satisfazer no Porto.**»

Protesto d'uma letra de cento trinta e seis mil e quinhentos réis, feito no primeiro de maio de mil oitocentos e oitenta e dois, a requerimento de Antonio Pereira Junior, d'esta cidade. A resposta do saccado Manuel Firmino foi «**que não aceitava o saque por ter dado ordem para a sua importancia ser paga em Lisboa.**»

Protesto d'uma letra de cento trinta e quatro mil oitocentos e setenta e seis réis, feito em nove de dezembro de mil oitocentos e oitenta e dois a requerimento de José dos Santos Gamellas, d'esta cidade, por parte de Bento Fernandes Albino. A resposta do saccado Manuel Firmino foi a seguinte: «**Que não aceitava o saque porque não devia a conta que se pedia na letra, nem reconhecia o direito de tal exigencia nem por tal meio.**»

Protesto por falta de pagamento d'esta ultima letra, feito em vinte e tres de dezembro de mil oitocentos e oitenta e dois, a requerimento do ultimo apresentante acima mencionado, dando o saccado a mesma resposta.

Protesto d'uma letra da quantia de setecentos mil e setecentos réis assignada por Manuel Firmino, feito em trinta de dezembro de mil oitocentos e oitenta e dois a requerimento de João Pedro Soares, d'esta cidade. A resposta dada por aquelle acci-

tante foi a seguinte: «**Que tendo a letra a clausula de ser paga em Lisboa, foi para alli que se dirigira ao saccador Luiz Nunes Borges de Carvalho.**»

Protesto d'uma letra da importancia de cento vinte cinco mil réis assignada por Manuel Firmino, feito em vinte e seis de junho de mil oitocentos e oitenta e tres a requerimento de Antonio Pereira Junior, d'esta cidade. Aquelle accitante respondeu «**que não pagava a letra por não ter recebido umas quantias com que contava n'aquella data.**»

Protesto d'uma outra letra da terra da importancia de cento e oitenta mil oitocentos e setenta e cinco réis assignada por Manuel Firmino d'Almeida Maia, celebrado em cinco de julho de mil oitocentos e oitenta e tres a requerimento do referido Pereira Junior, dando o accitante a mesma resposta que no anterior protesto.

Protesto d'outra letra de cincoenta e seis mil cento noventa e nove réis, feito em doze de maio de mil oitocentos e oitenta e quatro a requerimento de Antonio Pereira Junior, d'esta cidade. A resposta do saccado Manuel Firmino foi a seguinte: «**Que não aceitava a letra porque não conhecia os saccadores Mendes Pereira & Carneiro, do Porto, nem nunca com elles tivera contas.**»

Protesto por falta de pagamento d'esta ultima letra, celebrado em quinze de maio de mil oitocentos e oitenta e quatro a requerimento do mesmo apresentante, dando o saccado identica razão.

Protesto d'uma letra de trezentos mil réis assignada por Manuel Firmino d'Almeida Maia, celebrado em treze de setembro de mil oitocentos e oitenta e quatro a requerimento da direcção da Caixa Economica d'Aveiro. A resposta que aquelle accitante deu, foi «**que não pagava a letra n'aquella occasio por lhe não ser possível.**»

Protesto d'outra letra da terra de setenta e cinco mil réis assignada pelo indicado Manuel Firmino, feito em vinte e nove de agosto de mil oitocentos e oitenta e cinco a requerimento de Norberto Ferreira Vidal, por parte do Banco Alliança. A resposta que aquelle accitante deu foi «**que não pagava a importancia da letra, por isso que a fabrica de papel de Valle Maior, propriedade dos saccadores Henry Burnay & Companhia, lhe era devedora de quantia superior a da letra, e por consequencia ainda tinha a receber dinheiro.**»

Protesto d'uma letra da terra da importancia de quinhentos mil réis assignada por Manuel Firmino, feito em sete de setembro de mil oitocentos e oitenta e cinco a requerimento da direcção da Caixa Economica de Aveiro. Não foi encontrado o accitante, e intimado na pessoa de seu genro o bacharel José Maria Barboza de Magalhães, este respondeu que seu sogro havia partido para as Caldas de Vizella sem lhe deixar ordem alguma sobre a letra, e por isso a não pagava.

Protesto d'uma letra de cento

e quatorze mil trezentos e cincoenta réis assignada por Manuel Firmino, feito em trinta de setembro de mil oitocentos e oitenta e cinco a requerimento de Augusto Cozar de Almeida Pinto de Souza, d'esta cidade. Deu-se o mesmo caso que no antecedente.

Protesto d'uma letra de cento e sete mil quinhentos e setenta réis assignada por Manuel Firmino, feito em vinte d'outubro de mil oitocentos e oitenta e cinco a requerimento de Antonio Pereira Junior, d'esta cidade; e estando o accitante ausente, foi intimado na pessoa de sua mulher Dona Maria d'Arrabida Vilhena d'Almeida Maia, a qual respondeu que o marido nenhuma ordem lhe havia deixado sobre a letra por isso a não pagava.

Protesto d'uma letra de setenta e um mil réis assignada por Manuel Firmino, feito em vinte e sete d'outubro de mil oitocentos e oitenta e cinco a requerimento de Norberto Ferreira Vidal, d'esta cidade de Aveiro. A resposta que aquelle accitante deu foi a seguinte: «**Que não pagava a letra, cuja importancia provinha de papel fornecido pela fabrica de Valle Maior, porque esta lhe era devedora do importe d'umas cordas que para ella tinha fornecido.**»

Protesto d'uma letra de cento e quinze mil quatrocentos e cincoenta réis assignada por Manuel Firmino, feito em trinta de dezembro de mil oitocentos e oitenta e cinco a requerimento de Dona Eugenia Adelaide Carvalho, d'esta cidade. A resposta que aquelle accitante deu foi esta: «**Que era accitante de favor e competindo o pagamento da letra aos saccadores Fernando de Vilhena e mulher, por isso a não pagava.**»

Protesto d'uma letra de noventa mil réis assignada por Manuel Firmino, feito em vinte cinco de janeiro de mil oitocentos e oitenta e seis a requerimento de Antonio Pereira Junior, d'esta cidade. Eis a resposta que o accitante deu: «**Que não podia pagar n'aquella data a letra por lhe terem faltado os fundos com que contava.**»

Protesto d'uma letra na importancia de dez mil cento e trinta réis, feito em vinte de março de mil oitocentos e oitenta e seis a requerimento do alludido Pereira Junior, d'esta cidade. A resposta dada pelo saccado Manuel Firmino foi a seguinte: «**Que não aceitava a letra porque já tinha pago a sua importancia ao saccador José Antonio Ribeiro, do Porto.**»

Protesto d'uma letra de duzentos e setenta mil réis assignada por Manuel Firmino d'Almeida Maia, feito em vinte e quatro de março de mil oitocentos e oitenta e seis a requerimento dos herdeiros de Onofre Pereira dos Santos, de Sangalhos. A resposta d'aquelle accitante foi: «**que não pagava porque não reconhecia obrigação de o fazer, visto que ha muitos annos saldara contas com o padre Onofre.**»

Protesto d'uma letra de cento trinta e seis mil e cincoenta réis assignada por Manuel Firmino, feito em quatro de novembro de

mil oitocentos oitenta e seis a requerimento de Augusto Cesar de Almeida Pinto de Souza, de Aveiro. A resposta que o acceitante deu foi a seguinte: «**Que sendo de favor, era aos sacadores seu filho e nora Fernando de Vilhena e Dona Emilia da Cunha Pereira de Vilhena a quem cumpria esse pagamento da letra.**»

Protesto d'uma letra de dois contos de réis assignada por Manuel Firmino d'Almeida Maia e mulher, feito em dezesete de novembro de mil oitocentos oitenta e seis a requerimento de Antonio Evaristo de Souza, de Aveiro. A resposta que aquellos dêram foi a seguinte: «**Que não pagavam a letra por lhes terem faltado uns fundos com que contavam.**»

Protesto de trezentos cincoenta e seis mil oitocentos e oitenta réis, feito em treze de junho de mil oitocentos oitenta e sete a requerimento de Antonio Pereira Junior, por parte de Manuel Pereira Penna & Companhia, a quem endossou João de Souza Pinto, do Porto. A resposta do sacado Manuel Firmino foi: «**que não accellava nem pagava a sobredita letra**» sem dar outra razão.

Protesto d'uma letra de trezentos mil réis assignada por Manuel Firmino, feito em vinte oito de junho de mil oitocentos oitenta e sete a requerimento de Ferreira & Tavares, de Albergaria-a-Velha. A resposta d'aquelle Manuel Firmino foi a seguinte: «**Que não pagava a letra porque não era obrigado ao pagamento, como provaria pelos meus competentes.**»

Não encontrei registado nos falados vinte e seis livros mais protesto algum contra Manuel Firmino d'Almeida Maia.

O referido é verdade e passo fielmente esta certidão em cumprimento do despacho precedente e á vista dos proprios livros, a que me reporto, em meu poder e cartorio. Dada e passada n'esta cidade e comarca de Aveiro em vinte e quatro d'outubro de mil oitocentos e oitenta e oito. Eu Antonio Augusto Duarte Silva a subscrevi e assigno.

(a) Antonio Augusto Duarte Silva.

Ha, sem duvida, muitos homens dignos que tem passado pelo desgosto de ver os seus nomes compromettidos em protestos de letras. Mas confundir esses individuos, victimas da infelicidade ou de circunstancias extraordinarias, com um Manuel Firmino d'Almeida Maia, seria a mais pungente ironia que podemos lançar á desgraça dos outros, sempre respeitavel quando é honesta. Não é vergonha cahir; ha derrotas mais sympathicas e mais dignas do que multissimos triumphos. O homem, que o mau exito dos seus negocios, ou complicações inesperadas, arrastou, até á fallencia que seja, não perde nada dos seus brios nem da sua honra quando a sinceridade sirva de base á sua vida morigerada e recta. Mas aquelle que de má fé vae extorquir dinheiro aos outros para as suas loucuras ou para as suas extravagancias, aquelle que vê o seu nome aos baldões pelos tribunaes e não se peja de continuar trilhando o caminho que o levou tão baixo, aquelle que tem para todas as responsabilidades, quando lh'as exigem, uma evasiva ou uma mentira, esse é o mais vil dos homens e o mais indecente dos gatunos. Um gatuno que nem chega a ser ladrão. Porque o ladrão ao menos accellta a responsabilidade e as consequências dos seus actos.

Manuel Firmino é um d'esses gatunos. Se não se tivera revelado já, e de sobejo, bastariam os factos d'essa certidão para o provar. A cada passo se revela o homem do negocio Astley Campbell Smith. Elle a uns não paga, porque lhe faltaram com entregas de dinheiro. Vide primeira carta Cam-

pbell Smith! A outros, porque já liquidou contas com elles. Vide negocio de Albergaria! A outros não paga, porque não paga. Vide capitão de ladrões na camara municipal! A outros não paga, porque elles ainda lhe devem mais do que elle deve. A outros, porque o expoliam e o roubam com contas exaggeradas. A outros porque já mandou pagar em Lisboa ou no Porto. A outros porque foi para as Caldas de Vizella e não deixou ordem para se pagar coisa nenhuma.

Em tudo se vê que este homem vive do roubo e da maroteira. Caboteia por modo de vida. Aqui intruja este; acolá illude aquelle; além apanha um papalvo. E assim vae indo, negando tudo com cynismo, roubando com descaio e ainda por cima censurando e descompondo os roubados.

E' um infame, cem vezes mais criminoso e mais repellente que o ladrão d'estrada que nos pede a bolsa de bacamarte em punho.

Sim; cem vezes mais indigno, mais baixo, mais repugnante do que esse.

Continuaremos.

Um dos membros da companhia dos malandros, asqueroso verme que se esconde nas sombras em que sempre tem vivido, e que esconde a fronte com receio de lh'a esborracharem com um sóco, atirava-se n'um dos ultimos numeros do *Ovarense* ao sr. Elias Fernandes Pereira como gato a bofe.

Ahi tem o illustre professor a paga da dedicacão com que serviu por tanto tempo, com o desinteresse que é peculiar do seu caracter, a triste causa do firmimismo.

E' para que saibam. Façam-lhes noventa e nove favores, aos malandros. Mas não lhes façam o centesimo e te-los-hão ás pernas.

AOS COMICIOS!

Tendo-nos respondido o nosso advogado, á consulta que lhe fizemos sobre a infamia Maia-surdo mudo, que não pôde haver parte requerente em processos d'aquella qualidade, fica suspensa a subscrição que para tal fim abrimos no ultimo numero e que tão caloroso apoio encontrou desde logo no animo do publico. E, accrescentando o mesmo cavalleiro que bastava fazer uma participacão ao ministerio publico do facto criminoso, immediatamente fizemos nos seguintes termos a participacão referida:

Ex.^{mo} Sr.

Francisco Augusto da Fonseca Regalla, casado, d'esta cidade, official da armada; José Gonçalves Moreira, solteiro, d'esta cidade, proprietario; e Manuel Homem de Carvalho Christo, casado, d'esta cidade, mestre d'obras, veem dar parte a V. Ex.^a, para os effectos legais, que Manuel Firmino d'Almeida Maia, abusando da sua auctoridade de governador civil substituto em exercicio, reteve preso nas cadeias d'esta cidade a Joaquim Chia, surdo-mudo, solteiro, natural da Lagôa de São Miguel, da villa d'Ovar, durante oito mezes, sem que para tal houvesse motivo ou elle tivesse poder. Além d'isto quando se resolveu a mandar soltar o dito surdo-mudo, ordenou que o mesmo fosse conduzido por dois policias para as obras da Barra afim de que lá fosse obrigado a trabalhar, sendo sempre vigiado; e por que o Director d'aquellas obras o não quiz accellar por não ter auctoridade para receber e trazer nos serviços publicos um homem que lhe entregavam por ordem do governador civil substituto e sob prisão, mandou este o mesmo desgraçado para os trabalhos d'elle Manuel Firmino d'Almeida Maia, e é publico que lá o traz nas com-

panhas de pesca na costa de S. Jacintho a trabalhar. Se por sentença foi posto aquelle mudo ás ordens do Governo, não foi entregue a Manuel Firmino d'Almeida Maia para o ter durante oito mezes na cadeia. E' incontestavel que foram e estão sendo offendidos os direitos de liberdade d'aquelle desgraçado mudo; que ha abuso d'auctoridade por parte d'aquelle Manuel Firmino d'Almeida Maia; e que por este foi offendido o artigo 291.^o e outros do Novo Codigo Penal. Por conseguinte

P. a V. Ex.^a que, tomando em consideração esta participacão, haja por bem promover contra aquelle Manuel Firmino d'Almeida Maia o competente processo criminal, como é de justiça; no qual poderão ser inquiridas as testemunhas que abaixo se indicam.

E. R. M.

Juntam-se dois documentos.

Testemunhas:

Antonio José de Carvalho, director da cadeia; Francisco Ferreira da Encarnação, solteiro, estudante; José Joaquim Gonçalves da Caetana, casado, negociante; Faustino Alves, casado, carpinteiro; Manuel Gonçalves da Peixinha, casado, pescador; João Gonçalves Gamellas, casado, proprietario; Antonio Alves de Brito, solteiro, marceneiro; José Maria de Mello de Mattos, director das obras da Barra; Luiz Benjamin, casado, carpinteiro; Elysio Filinto Feyo, casado, ourives; José Dias da Costa, solteiro, caixeiro, todos d'esta cidade de Aveiro.

Francisco Augusto da Fonseca Regalla.

José Gonçalves Moreira.

Manuel Homem de C. Christo.

(Segue-se o reconhecimento.)

Está, pois, dado o primeiro passo n'essa grande causa de justiça, de moralidade e de dignidade publica que se vae julgar entre nós.

Esta questão é grave, é gravissima. Não se debatem questiunculas de soalheiro, nem intrigas de localidade. Debate-se o principio mais sagrado das sociedades modernas, tão levantado, tão urgente, que só pelo grande abatimento, em que jaz ha muitos annos este paiz, nós poderemos comprehender porque a imprensa se não levantou ainda energica e digna em volta da escandalosissima arbitrariedade commettida na pessoa do pobre surdo mudo d'Ovar. Arremessa-se para uma enxovia, sem culpa, ao mero capricho de certo capitão mór, e durante o longo praso de oito mezes, um desgraçado sem protecção, sem auxilio, sem apoio de ninguém. Alli jaz o desgraçado esquecido. Alli morreria de pôdre se por ventura um simples acaso não revelasse a sua existencia. Faz-se tudo isto em plena civilisação e na via larga do progresso humano. No reinado do sr. D. Luiz I, n'um paiz que se diz livre sob uma situação que se declara progressista. E a imprensa cala-se! E o ministerio protege o bandido que d'uma maneira tão insolente cuspiu a liberdade e ultrajou a lei! E os magistrados, os representantes da justiça, esses que exercem a mais melindrosa e a mais grave missão na vida dos povos, cruzam os braços e ficam surdos ás nossas reclamações, aos nossos protestos, aos nossos appellos pela santa causa da liberdade humana!

E' horrivel, de baixaza e de degradação. Nem ao menos se lembram, esses que procedem assim e que se dizem os sustentáculos da ordem e da monarchia, que ninguém, mais do que elles, enterra fundo o punhal do descredito no coração das instituições que suppoem servir. Nin-

guem, mais do que elles, as arrasta, com tanto nepotismo e tanta desigualdade repugnante, pelos monturos d'esta esterqueira. já hoje com tantos elementos para azedar a historia e passar á posteridade tresandando a pôdre, que se chama a sociedade portugueza da ultima metade do seculo dezenove.

Mas isto não pôde ficar assim. Dissemo-lo no ultimo numero e de novo o repetimos. Isto não pôde ficar assim! Cale-se embora o paiz perante o enormissimo escandalo que representa o attentado de Manuel Firmino d'Almeida Maia para com Joaquim Chia, o pobre surdo mudo de Ovar. Cale-se embora o paiz, emudeça a imprensa, essa imprensa que tem servilismos para todos os grandes, a começar nos anjos d'azas brancas e cor de rosa do paço d'Ajuda, bisbilhotices para todos os casos de *senhoras visinhas*, e que não tem agora uma palavra de justiça para esta extraordinaria pouca vergonha que se praticou em Aveiro. Calem-se todos, se quiserem. Que a cidade de Aveiro continuará affirmando bem alto que ainda existem restos da velha austeridade portugueza. Que a nobre patria de José Estevão continuará dando a todos eloquentissimos exemplos de amor á liberdade, á justiça e ás regalias populares.

Sr. juiz de direito da comarca de Aveiro, sr. delegado do procurador régio, v. ex.^{as} não forçosamente de dar satisfacões á opinião publica e á lei offendida. E' impossivel que v. ex.^{as} estejam ahí applicando todo o rigor dos codigos áquelles que praticaram delictos cem vezes menores do que este que se refere á prisão do surdo mudo d'Ovar e hoje estendam a capa da impunidade por cima de Manuel Firmino d'Almeida Maia. E' impossivel. V. ex.^{as} não poderão assim exautorar a lei, exautorar a justiça e exautorar o proprio caracter de v. ex.^{as}.

Não o queremos acreditar. Mas, sr. sim, pelo não, ouçam isto, srs. juizes e dignos magistrados.

E' um dever rudimentarissimo de v. ex.^{as}, pelo lado moral, que attendam a exposiçãõ feita no requerimento que atraz se lê. E além d'um dever moral e pessoal, é uma obrigação peremptoria da lei e uma ordem positiva do decoro nacional. V. ex.^{as} não podem deixar de proceder. Porém, se illudindo todas as expectativas e todos os principios legais, v. ex.^{as} não procederem com a energia e com a hombridade que devem, dar-se-ha o caso espantoso de nós irmos para a rua pedir a justiça que os tribunaes nos negam. Nós iremos aos comicios protestar. Nós iremos ao seio do povo discutir este caso estupendo d'ilegalidade, d'arbitrariedade, de despotismo ou de tyrannia. Nós iremos vibrar o coração das massas. E das massas iremos para o parlamento mostrar claro e nú até onde chegou a unica coisa que não estava corrompida de todo em Portugal—a magistratura official.

Sr. juiz e sr. delegado do procurador régio, creiam que a cidade de Aveiro não se calará, nem recuará, sem obter justiça. Justiça, justiça, tres vezes justiça. Não nos illudem palliativos, nem nos cegam meias concessões. A cidade de Aveiro não quer favores, quer justiça. Por conseguinte:

Flea desde já annunçado para domingo, 25 do corrente, um grande comicio n'esta terra, para representar aos poderes publicos contra a injusta e degradante protecção concedida a Manuel Firmino de Almeida Maia, se até esse dia o sr. delegado do procurador régio em Aveiro não cumprir a lei e o seu dever pronuncando o governador civil substituto pelo grande crime que commettetu conservando, ás suas ordens, um

homem preso na cadeia de Aveiro pelo longo praso de oito mezes e quatro dias.

Ávante! E saibam os srs. juizes que as nossas resoluções nunca ficam em meio. Ávante! Appliquemos uma licção dura aos infamissimos biltres que transferem e perseguem funcionarios honestos e ainda em cima nos accusam de calumniadores, ao mesmo tempo que alugam escritas miseraveis para nos insultar e babar fóra da terra.

A elles, e esmaguemos a vibora!

A QUESTÃO DE AVEIRO E A IMPRENSA

O *Diario de Annuncios*, de Ponta Delgada, de quinta-feira 10 de outubro:

A José Estevão

AS IRMãs DE CARIDADE EM AVEIRO

Insultaram-te as cinzas gloriosas, ó benemerito da patria! cuspiram-te no sepulchro onde repousas a baba da inveja, porque é a inveja que os impelle! Mas o insulto foi repellido, e o escarro cahiu no rosto dos que o soltaram.

Quizeram enodoar o marmore, branco como a tua alma, do pedestal onde a tua estatua, levantada pelo amor dos teus concidadãos, ha-de em breve erguer-se, e foram elles que se sujaram.

Tentaram apagar o teu nome, e elles é que ficaram com o seu coberto de malquerença. — Tinham em mira fazer gigante um pigmen, e todos lá ficaram mais pequenos ainda do que eram.

Sim! voltaram-se contra os traidores á tua memoria as armas contra ella empregadas, e tu, ó principe dos oradores portuguezes, tu has-de fulminar-os em breve com o gesto caloroso da tua estatua, e aterral-os com o silencio do bronze em que vaes viver.

O despotismo e a reacção, que tu combatestes sempre com a espada intemerata, com a penna vigorosa, e com a palavra auctorizada e energica, tinham ido, abutres da liberdade, acoutar-se no ninho onde repousas, rir sobre a tua sepultura, tripudiar sobre as tuas cinzas, profanar a tua memoria, escarnecer do teu nome honrado!

Surgiu, porém, a ideia desinteressada, e, braço a braço, corpo a corpo, travou-se a lucta!

A raça dos martyres da liberdade não acabou n'aquella terra! Os insultos dirigidos á tua memoria querida, doeram mais do que as oppressões de que eram victimas. Unidos pelo mesmo principio—a liberdade—instigados pelos mesmos brios—a honra—todos, todos os que presam as tradições da tua patria, ó glorioso tribuno, inspirados nas tuas ideias, escudados no teu nome, foram á lucta com o animo sereno de quem se conhece justo; com o valor de quem se sente bom; com a firmeza de quem tem dignidade, e brio, e honra!

São os teus soldados, ó valente artilheiro da Serra do Pilar! são os teus galuchos, ó destemido da Flecha dos Mortos! são os teus sequazes, ó sublime adversario do despotismo! são os teus correligionarios, ó eloquente inimigo da reacção! Ah! tens a tua legião, digna de ti, ó José Estevão! Honram-se, honram-te.

Nós tambem nos unimos a elles, e, com a energia de quem ama a liberdade e honra as tuas cinzas, dizemos como os teus legionarios d'Aveiro:

Abaixo as irmãs de caridade! Abaixo a reacção! Fóra os hypocritas! Viva a liberdade! Viva a patria!

PAULO IJERIER.

Carta da Bairrada

Novembro, 9.

Effectuou-se hontem a compra do palacio dos condes de Anadia, adega, abegoarias e propriedade rustica contigua ao solar, na extensão de 15 hectares, pela quantia de 28:350:000 réis. O contracto da venda foi assignado na administração do concelho pelo sr. conde de Anadia, que era o vendedor, e o sr. Manuel Rodrigues Gondim, inspector dos serviços agricolas na circumscrição do norte, que representava o governo. E' no palacio que foi o solar dos primeiros condes de Anadia que vae ser estabelecida a decretada escola de viticultura da Bairrada. O ponto escolhido, sendo porventura muito proprio para fazer realçar a villa com um edificio publico de ostentação, é desastrado para representar, na esphera d'uma escola viticola, a região da Bairrada. Largamente tratamos algures este assumpto, fazendo ver que a escola devia ser estabelecida em local mais apropriado para o fim a que se destinava e adquirido em mais vantajosas condições para o Estado. Havia muito por onde escolher.

E' certo, porém, que todas as grandes influencias locais convergiam para Anadia, como cabeça de comarca e sede do baluarte do sr. presidente do conselho. Ou não estivessem os progressistas no poder!...

Ligado ao plano da escola de viticultura, que já custou e vae ainda custar muitas dezenas de contos de réis ao Estado, anda subordinado um espectacular plano de grandes melhoramentos na villa. A escola representará, pois, um pretexto para transformar materialmente a terra onde tem preponderado a politica caeira do sr. José Luciano. E' cedo para fazer a critica do actual emprehendimento e do mais que se seguirá.

Era indispensavel, não ha duvida, estabelecer-se uma escola de viticultura na Bairrada, mas o que se pretendia, debaixo de todos os principios de conveniencia para a localidade e de economia para o Estado, é que na escolha do ponto para a fixação da escola houvesse só em vista atender-se ás condições vinícolas da região e ás precarias circumstancias do thesouro. Infelizmente foi ao que se attendeu menos.

Noticiario

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

Abriam-se hontem as aulas do Lyceu Nacional d'esta cidade. Cumpriu-se a cerimonia do costume.

Fallecimento

Finou-se ha dias na Quinta da Cartaxeira, em Carcavellos, proximo a Lisboa, a estremosa esposa do nosso bom amigo, o sr. dr. Domingos Dias Pereira.

A finada senhora succumbiu a uma dolorosissima enfermidade que ha muito lhe atormentava a existencia, sendo baldados todos os recursos da medicina e todos os carinhos e disvellos da familia para a salvar da morte.

Além d'ontras qualidades que a exornavam, a bondosa extinta era uma boa filha, esposa virtuosissima, mãe exemplar e avó carinhosa.

Acompanhamos o nosso bom amigo no transe afflictivo porque acaba de passar e aqui lhe festejamos a expressão da nossa condolencia.

EXPEDIENTE

Aos cavalheiros que tem satisfeito com a maior promptidão as suas assignaturas, o nosso reconhecimento. Esperamos merecer igual fineza d'aquelles a quem continuamos a enviar recibos.

Aos srs. assignantes de Arada, Eírol, Elxo, Esqueira e Silveiro pedimos a fineza de mandarem satisfazer os semestres já vencidos.

O valente semanario republicano *O Combate*, que se publicava em Tavira, passou agora a sahir em Olhão com o titulo de *O Porvir*.

O novo jornal continuará a defender com o mesmo valor a causa da democracia, a despeito da guerra verdadeiramente infamante que se tem feito ao seu proprietario e redactor Roque Féria, por este incançavel batalhador e nosso amigo ter a hombridade precisa para dizer em publico verdades amargas, unicamente verdades, a um tal sr. Ribeiro, commandante de caçadores 4.

Felicitemos o novo campeão republicano, desejando-lhe todas as prosperidades. E que a coragem nunca lhe falte para verberar sem dó os abusos e poucas vergonhas que vão por esse paiz fóra.

Vae grande entusiasmo em Coimbra com as festas em homenagem ao esclarecido redactor do *Conimbricense*, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, e á imprensa, que devem realizar-se no proximo dia 19.

A sessão solemne promovida pelo conselho administrativo da Associação dos Artistas de Coimbra será abrilhantada com a palavra eloquente dos srs. conde de Valenças e José Dias Ferreira, que já acceperam ao pedido que para esse fim lhes foi dirigido.

Realizar-se-ha um imponente prestito civico.

A rua das Figueirinhas, onde ha muitos annos habita o decano dos jornalistas, passará a denominar-se Rua Martins de Carvalho.

Emfim, todas as associações de Coimbra promovem manifestações ruidosas em honra do conhecido escriptor.

Agradecemos o cartão de convite que nos foi enviado pelo conselho administrativo da Associação dos Artistas para assistirmos á sessão solemne.

Estamos atravessando uma verdadeira invernia. A chuva tem cahido torrencialmente, impellida por um vento frio, e as noutes estão verdadeiramente tempestuosas, feias.

Pelos geitos o temporal promette continuar, porque a atmosfera não cessa de despejar agua cá para baixo, sem nenhum dó pela pobre humanidade.

As aguas da ria cresceram de volume e é muito provavel que tenhamos alguma cheia.

A empreza da Bibliotheca Historico-Portugueza, que tem a sua sede em Lisboa, rua de S. Bento, 260, acaba de encetar a publicação da *Historia do Municipalismo em Portugal*, obra de incontestavel merecimento e com que aquella empreza presta um relevantissimo serviço ás letras patrias.

A edição é baratissima, ao alcance de todas as bolças, pois que fica por 1\$500 réis cada volume de 800 paginas, sendo a distribuição feita aos fasciculos mensaes de 64 paginas.

Para se fazer uma pequena ideia do valor d'esta interessantissima publicação, bastará dizer que ella encerra todos os documentos valiosos, existentes nos archivos publicos, que podem servir para analyse do movimento administrativo e politico; os foraes na linguagem da epocha em que foram concedidos e a tradução em vulgar; descripção e gravura dos brazões de armas das

villas que os possuem; narração dos acontecimentos de que os municipios foram teatro; noticia dos homens importantes nascidos ou naturalizados em cada um dos concelhos; e finalmente tudo quanto se prender com a existencia, progresso ou decadencia municipal, tradições remotas de origem, monumentos dignos de serem examinados pelos investigadores e curiosos, etc., etc.,

Estão já publicados os primeiros fasciculos d'esta utilissima obra, digna de figurar nas melhores estantes.

Chamamos a attenção para o annuncio que vae adiante publicado.

A *Nova* é o titulo de um novo jornal que principiou agora a publicar-se em Abrantes. Diz-se alheio á politica.

Seja bem vindo e que a fortuna o não desempare.

A infame malandragem, ao dar os ultimos arrancos, lança mão de tudo como tábua de salvação. Nem que houvesse ainda alguém que lhe não conhecesse as manhas! Miseraveis sem vergonha nem dignidade.

Duas palavras ao publico de fóra, porque para o de cá, que conhece a ciganagem como as suas proprias mãos, seriam ellas desnecessarias.

Praticou-se ha dias um roubo em Aveiro, por meio de arrombamento d'uma gaveta. Os roubados participaram o caso á policia e esta no dia seguinte prendia em Coimbra o que assim abusára da boa fé dos seus patrões. Ha n'isto, da parte dos queixosos ou da policia, alguma cousa d'extraordinario? Nada. A policia cumpriu o seu dever e os roubados fizeram o que deviam dando-lhe parte do caso.

Pois o pasquim do becco dos cães vinha na quarta-feira com umas malandrices arrieiradas, a ver se surtiem algum effeito, mas que já não illudem ninguem. Sempre pulhas.

Os queixosos são muito pontuaes nos seus pagamentos, o que ninguem ignora, e, além de não deverem nada a quem os roubou, tinham-lhe até abonado adiantadamente algumas quantias e tambem ficaram sem ellas. A verdade é esta.

De largo:

A' malandragem reles toda a gente a conhece: roubar e calotejar é o seu modo de vida.

Nem mais nem menos.

Revista Popular de Conhecimentos Utéis

Eis o summario do n.º 23 d'esta utilissima publicação:

Historia da Terra; Acerca das theorias modernas da luz; O cognac; O pão de trigo perfeito; Meios para ter sempre dinheiro na algibeira; A luz que fala e o photophono; O acromatismo; O hypocrita; O microscopio e o telescopio (VII); Calendario do agricultor; Gomma arabica artificial; Composição do estrume de curral; A arvore do assucar e do alcohol; A pesca do bacalhau na Africa; Os microbios das paredes; As combustões lentas; A atmosfera de Londres; Influencia das garrafas nas qualidades do vinho; A extincção do bisonte na America; Marmellada de pecegos; Bibliographia.

Na tarde de terça-feira, uns trabalhadores que demoliam um predio ua calçada do Carmo, em Lisboa, para a nova estação dos caminhos de ferro, ao destruirem uma escada do interior da habitação, acharam grande quantidade de moedas d'ouro dos reinados de D. Pedro II, D. João V, D. José I, D. Maria I e D. João VI, no valor de 11:998\$960 réis, envolvidas em papeis, que parecem indicar que o thesouro escondido pertencia á epocha da invasão franceza.

A policia interveio quando os operarios já tinham guardado grandes quantias. Um d'elles au-

sentára-se com 5:651\$000 réis, que lhe foram apprehendidos mais tarde. O dinheiro vae dar entrada na Caixa Geral dos Depositos.

Parece que dois terços da quantia achada pertencem ao proprietario do predio e um terço aos operarios.

Recabemos de Lisboa a visita do periodico *A Escola Livre*, orgão annual da sympathica instituição Escola Infantil para os Filhos do Povo.

A *Escola Livre* é collaborada por distinctos escriptores, custando cada numero avulso 100 réis.

O numero que acabamos de receber refere-se ao anno lectivo de 1887-1888.

Appello á caridade

O artista carpinteiro Manuel Barbosa, d'esta cidade, que trabalhava n'umas obras em Ois do Bairro, foi ha pouco victima de um desastre de que resultou ficar com uma perna partida.

Como o pobre artista se acha por esta infelicidade impossibilitado de trabalhar por bastante tempo, lutando por isso com innumeradas difficuldades para se sustentar a si e á familia, ousamos appellar para todas as pessoas caridosas, em seu favor, e temos a certeza que o nosso appello não será baldado.

Qualquer obulo poderá ser enviado a esta administração.

Transporte.....	6\$220
Anonymo.....	\$200
A. A. de Carvalho.....	\$500
Domingos João dos Reis.	1\$000
Antonio da Costa Azevedo	\$500
Anonymo.....	\$200
Manuel Antonio de Abreu	\$300
	8\$920

Perante a camara municipal de Estarreja está aberto concurso para o provimento da escola elemental do sexo masculino na freguezia do Bunheiro, com o ordenado de 100\$000 réis.

Refere o *Conimbricense* que em Coimbra tem andado uma quadrilha de agentes do jesuitismo, sollicitando assignaturas para um jornal reaccionario. Isto vae n'um sino!...

Estuda-se actualmente um novo cabo submarino, que terá nada menos de 6:800 milhas de comprimento, destinado a ligar a região habitada do Oceano Pacifico, com os cabos submarinos do Atlantico, e portanto com a Europa.

O cabo partindo de Vancouver, tocará nas ilhas Sandwich, Tawing, archipelago Fadji, Nova Zelandia e Australia.

O *Distrito de Vizeu* acaba de entrar no decimo anno de publicação.

A livraria Cruz Coutinho, do Porto, acaba de fazer uma edição muito barata do *Codigo Commercial* approved por carta de lei de 28 de junho de 1888. Custa o diminuto preço de 100 réis.

Agradecemos o exemplar com que nos obsequiou.

A Imprensa Nacional dos Estados-Unidos é o primeiro estabelecimento typographico do mundo.

Tem empregadas nas suas officinas umas 2:000 pessoas.

Accusamos a recepção das seguintes publicações, que muito agradecemos:

* *A Illustração Portugueza*, revista litteraria e artistica. N.º 11, do 5.º anno. — Assigna-se na Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa.

* *Os Amores do Assassino*, por M. Jogand.—Fasciculo 42.

* *As Doidas em Paris*, por Xavier de Montepin. — Caderneta n.º 52.

Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, Lisboa.

Publicações litterarias

Historia do Municipalismo em Portugal

ESTÃO publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assigna a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defesa da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras.

Collaboram neste trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importancia.

A parte narrativa é reforçada com a transcrição de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archivos, alguns dos quaes võem a luz publica pela primeira vez.

O preço é relativamente modicissimo porque mediante o dispendio de 1\$500 réis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas.

Recebem-se assignaturas na sede da *Bibliotheca Historico-Portugueza*, Lisboa, rua de S. Bento, 260, onde devem ser dirigidas todas as requisições. Quem se responsabilisar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas.

A obra depois de publicada augmentará de preço.

EDIÇÃO PORTATIL

DO

CODIGO COMMERCIAL

Approved por carta de lei de 28 de junho de 1888. (Sem re-
pertorio alphabetico nem relatorio)

PREÇO, brochado, 100 réis; encadernado, 180 réis. Pelo correio, franco de porte, a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á livraria CRUZ COUTINHO, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

SEXO FORTE

AS MULHERES DOS AMIGOS

2 vol. illustrados 600 réis

CAPITULOS — Um canalha; Um fiasco; Por causa d'uma piúga; Sonho e realidade; Ir buscar lá; A cervoja ingleza; Margot; Monomania do insulto; O filho; A sogra em acção; Effeitos das dimensões; Uma discipula de Niniche.

Vende-se na rua da Atalaya, n.º 18 — LISBOA.

BAPTISTA DINIZ

Os Invisiveis do Porto

GRANDE romance de sensação, actualidade e propaganda anti-jesuitica, em 4 volumes e baseado em factos de maior interesse.

Condições da assignatura

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita por fasciculos semanaes de 5 folhas de 8 paginas, ao preço de 50 réis cada fasciculo pago no acto da entrega. Nas demais terras do paiz a distribuição é feita mensalmente em fasciculos de 20 folhas de 8 paginas, ao preço de 20 réis, pagos adeantadamente.

Quem angariar dez assignaturas, encarregando se da distribuição, tem a commissão de 30 p. c. Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz e assigna-se em todas as livrarias de Lisboa e Porto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Diniz & C.ª, Cordoaria, 150, 2.º — Porto.

Nesta cidade assigna-se na Livraria Academica, na praça do Commercio.

Annuncios

JOAQUIM DIAS DE ABRANTES

DÁ parte aos seus amigos e freguezes e ao respeitavel publico que acaba de receber um variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras proprias para a presente estação. Preços convidativos.

Aveiro — Travessa dos Mercadores, 7 a 11

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriales.

Agencia e Casa Introdutora de Artigos especiaes de Norte-America

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS
HYDRAULICAS
De POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME
"CERCA-ESPINHO"
Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE
TUBOS DE FERRO
zincados e pretos para
CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha
(CAUTCHOC).



FOGÕES
CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO
"AGATE"

Para serviços da cozinhas e mesa, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS

Para Fructas e Lrugas.

E OUTROS
ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento) **TUBBINA DE FERRO**—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Accepta-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente,
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

MACHINAS DE COSTURA DA COMPANHIA FABRIL

SINGER

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79¹

AVEIRO

As melhores e mais acreditadas machinas do mundo a prestações de 500 réis por semana e a dinheiro com grande desconto

A Companhia Fabril Singer, garante todas as machinas da sua exclusiva fabricação, e tem um especial interesse em não recomendar nenhuma que não seja a mais propria para os trabalhos que tenham de executar-se.

A Companhia Fabril Singer, tem alcançado em todas as Exposições os primeiros premios.

A Companhia Fabril Singer, não sacrifica nunca a utilidade, solidez ou duração á mera apparencia; as suas machinas são feitas para cozer, cozendo tudo bem; não estão envernizadas nem douradas para occultar defeitos, como succede com as imitações e falsificações allemãs.

A Companhia Fabril Singer é sempre a primeira a introduzir os ultimos e verdadeiros melhoramentos nas machinas para cozer: por estas e outras razões o publico comprehenderá, porque os allemãs se dedicam com preferencia a imitar as machinas SINGER. O ouro falsifica-se sempre, o latão nunca.

Chamamos a attenção do publico para as novas machinas denominadas LANÇADEIRA OSCILANTE, com as quaes se podem fazer primorosos trabalhos e que até hoje ainda não tiveram rival. **E' a rainha das machinas!**

75, Rua de José Estevão, 79

AVEIRO

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, amas de ferro, fogões, chumbo em barra, prégo d'arame, etc.

CALLICIDA

PRIVILEGIO  EXCLUSIVO

Extracção dos callos sem dor em 5 dias

DEPOSITOS PRINCIPAES: — Lisboa, Gonçalves de Freitas, rua da Prata, 229 a 231; Porto, Machado & Lope, rua do Bomjardim, 40 a 42; Portalegre, pharmacia e a Lopes; Braga, Pereira de Lemos; Pinh. l. pharmacia Lima; Penafiel, pharmacia Villaça; Figueira da Foz, J. Lucas da Costa; Castello Branco, pharmacia da Misericordia; Vizeu, pharmacia Firmino A. Costa; Vianna do Castello, pharmacia Almeida; Elvas, pharmacia Nobre; Faro, pharmacia Chaves; Santarem, Silva, cabelleiro; Villa Real, Dionysio Teixeira; Lamego, João de Almeida Brandão; Coimbra, Viuva Areosa.

Africa—Loanda, José Marques Diogo. Brazil—Rio de Janeiro, Veiga Pinto & C.ª;—Pernambuco, Domingos A. Mathens;—Bahia, F. d'Assis e Souza.

E nas principaes villas do paiz.

Pedidos ao auctor

Antonio Franco — Covilhã

GENEBRA MOREIRA

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

E' a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida.

Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registrada) de MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

CASA

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia, tendo sahida para a rua do Roxo.

Quem a pretender falle na mesma com seu dono Francisco Augusto Duarte.



AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA, MARANHÃO, CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 26\$000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.]



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas. Trabalhos perfeitos e preços barattimosos.

HOTEL CENTRAL

DE

MANUEL FRANCISCO LEITÃO

RUA DE JOSÉ ESTEVAO — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 61, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8:000\$000.

Bilhetes a 4\$800 réis; meios bilhetes a 2\$400; quartos a 1\$200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 30 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, teem de tirar uma licença que nas provincias é de 1\$500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no Diario do Governo de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

56 — RUA DO ARSENAL — 64

LISBOA

REMEDIOS DE AYER

Pectoral de cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de saparrilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões — Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Piulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabelo branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



E' um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de doas de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 réis.